

EDWARD SCHILLEBEECKX

Sou um teólogo feliz

Colóquios com Francesco Strazzari



Biblioteca Dominicana

ÍNDICE

<i>Apresentação</i> – Frei José Nunes, op	9
<i>Prefácio</i> – Honestos para com o mundo. A teologia de fronteira de Edward Schillebeeckx – <i>Rosino Gibellini</i>	11
<i>Prólogo</i>	19

Primeira Parte A AVENTURA DE UM TEÓLOGO

Capítulo I – De Kortenberg a Nimega	25
Nos Jesuítas de Turnhout	26
Noviço dominicano em Gand	29
Na escola dos grandes teólogos	30
Em Lovaina	31
Em Nimega, na Holanda	32
Capítulo II – O tempo do Concílio	35
Vaticano II	38
Primeiras escaramuças	39
O centralismo romano	39
Alfrink e Paulo VI	42
Em audiência com Paulo VI	45
Os documentos conciliares: um compromisso	46
A Holanda em «concílio»	47

A Santa Sé e a Holanda na tempestade: o catecismo	49
A Holanda divide-se: os novos bispos	51
Capítulo III: Os processos	53
Primeiro processo sobre alguns ensaios teológicos (1968)	53
Segundo processo sobre a Cristologia (1979)	56
Terceiro processo sobre o ministério (1984)	58
Capítulo IV: A investigação teológica	63
Face à modernidade	65
Os meus livros	66

Segunda Parte
TEMAS DE INVESTIGAÇÃO

Capítulo V: A criação	69
A Trindade	72
Homem-Cristo-Deus	76
A gratuidade de Deus	77
O Deus escondido e silencioso	78
O ateísmo	78
Jesus, dom gratuito	79
Santidade e oração	81
Maria, a grande irmã dos cristãos	83
Capítulo VI: A Escatologia	85
Paraíso, inferno e purgatório	86
Escatologia e Protologia	89
Capítulo VII: A ética	91
Religião e ética	92
Capítulo VIII: Os ministérios na Igreja	95
Eclesiologia em modo menor	97
Os novos ministros	98

Índice

Celibato voluntário	99
A ordenação das mulheres	99
A vida religiosa no Senhor	100
Capítulo IX: A confissão de um teólogo	103
Sou, verdadeiramente, um homem feliz!	104
Não ter medo (Salmo-oração)	107
«Vem ver-me a Gand...»	109
Em memória de Marie-Dominique (Marcel) Chenu, OP	113

APÊNDICE

A dolorosa experiência do Deus oculto 117

Apresentação

Edward Schillebeeckx: dominicano belga (1914-2009), por muitos considerado o maior teólogo do século XX e certamente um dos nomes maiores da longa história de 800 anos da Ordem dos Pregadores, vulgo dominicanos.

Esta obra, resultado de uma extensa entrevista por ele concedida, enquadra-se perfeitamente na colecção «Biblioteca Dominicana», já que trata da vida e obra de um dos seus expoentes e daquilo que constitui o verdadeiro ADN da vida dominicana: o estudo, a teologia, a paixão pela busca da verdade.

Para além de revelar alguns dados e aspectos bem interessantes da sua vida (o seu desejo inicial de entrar na Ordem, os lugares por onde passou, as incompreensões e perseguições de que foi alvo...), o livro passa em revista muitos e variados apartados da reflexão teológica (desde a cristologia aos sacramentos, passando pela eclesiologia e a escatologia, ou pela pastoral e os ministérios, etc.) com perspectivas muito inovadoras no seu tempo, mas de uma actualidade incrível, refrescante e desafiadora.

Para além do livro que as Edições do CERF publicaram e aqui traduzimos – *Je suis un théologien heureux* –, decidimos acrescentar um pequeno texto inédito (!), referente a uma conferência feita por E. Schillebeeckx, em Lisboa, em Abril de 1966, no 4.º Colóquio para assinantes da revista *Concilium*, que começara nessa altura a ser traduzida e editada também em língua portuguesa. Mais uma vez, apesar de ser um texto com cerca de 60 anos, versando essencialmente sobre o problema do mal e o aparente silêncio de Deus, constitui uma reflexão fundamental para os crentes de todos os tempos e lugares.

Fr. José Nunes, op

PREFÁCIO

Honestos para com o mundo. A teologia de fronteira de Edward Schillebeeckx

Se todo o grande pensador – segundo o filósofo Heidegger – é sempre guiado por um único pensamento, que se desenvolve em múltiplas variações, pode afirmar-se que aquele que guia a investigação e a reflexão teológica de Edward Schillebeeckx é uma problemática da fronteira e, mais precisamente, a relação entre a experiência cristã e a experiência humana. Teólogo belga de língua flamenga, professor de Teologia, primeiro em Lovaina, na Bélgica, depois (desde 1958), na Faculdade de Teologia da Universidade Católica de Nimega, na Holanda¹, a personalidade de Schillebeeckx começou a emergir no panorama teológico e eclesial no curso da primeira metade dos anos sessenta, por ocasião do Concílio Ecuménico Vaticano II, no qual participava enquanto consultor do episcopado holandês, então em pleno dinamismo. Uma das temáticas mais inovadoras do Concílio, aquela a que se chamou correntemente «a Igreja e o mundo», encontrou, nas conferências e nos artigos deste teólogo do Norte, o intérprete mais sensível e mais perspicaz, como o demonstrará depois a série de volumes publicada sob o título geral *Pesquisas teológicas* (cinco volumes, 1964-1972), que reúne os múltiplos estudos pelos quais ele acompanhou tanto o debate conciliar como o debate teológico ao nível internacional.

Podemos distinguir dois períodos na obra de Schillebeeckx (nascido em 1914). No primeiro – que se situa entre o início da sua activi-

¹ Mantivemos sempre *Holanda* como nome do país, ainda que hoje, em língua portuguesa, usemos *Países Baixos* (N. da T.).

dade universitária, logo após a Guerra, em 1946, e o período imediatamente pós-conciliar, em 1966-1967 – a sua reflexão estabelece-se na linha de um tomismo aberto: deste primeiro período datam os seus estudos sobre a teologia dos sacramentos, tais como a reconstrução histórica da Teologia sacramental em *A economia sacramental da salvação* (1952) e o tratamento sistemático ulterior de *Cristo, sacramento do encontro com Deus* (1958). Os escritos deste período são caracterizados pelo método histórico, que reconstrói a história da doutrina antes de proceder à elaboração sistemática – método aprendido no Saulchoir² e na École des Hautes Études da Sorbonne (onde o ex-regente do Saulchoir, o Pe. Chenu, dava aulas de especialização) e pelo perspectivismo gnoseológico, aprendido em Lovaina na escola de De Petter, que propunha uma síntese entre o tomismo e a fenomenologia.

No segundo período, que começa pouco depois do Concílio e que encontra a sua primeira expressão nas conferências americanas de 1967, *Deus, futuro do homem*, produz-se uma «mudança notável», como assinala o teólogo norte-americano Robert Schreiter, discípulo de Schillebeeckx em Nimega e um dos melhores conhecedores da sua Teologia. A partir daí, uma reviravolta vai conduzir o teólogo dominicano a abandonar o tomismo de escola (inclusive na sua reinterpretação pelos seus mestres de Paris ou de Lovaina), que representava o quadro conceptual de referência nas suas obras precedentes, para se confrontar com as novas hermenêuticas e dialogar mais directamente com a experiência do homem secular, o da modernidade. Neste segundo período – o mais original e o mais criativo –, o teólogo de Nimega confronta-se com a problemática hermenêutica, que ele introduz na teologia sistemática católica e

² Antiga casa de formação dominicana, na Bélgica, o Saulchoir notabilizou-se pelo diálogo entre a instituição eclesial, as Ciências Humanas, nomeadamente a História, e a atenção às realidades sociais. O Pe. Marie Dominique Chenu – figura eminente dessa escola, demitido do seu lugar de regente pelas autoridades romanas – teólogo e historiador, procurou enquadrar o tomismo no seu contexto do fim da Idade Média, o que afastava a sua abordagem das utilizações a que a Escolástica do período do século XV ao princípio do século XX se tinha entregado. O Saulchoir instalou-se em Paris, em 1971, e desapareceu enquanto *studium* em 1974 (N. da T.).

que aplica com rigor, radicalmente, ao coração mesmo do trabalho teológico, isto é, à Cristologia.

A teoria hermenêutica coloca o problema da *interpretação*, quer dizer, da inteligibilidade dos textos da revelação, da sua actualização e da pertinência experiencial das fórmulas da fé. Ela entrou na Teologia protestante com a hermenêutica de Schleiermacher e, depois, mais vigorosamente, no nosso século, com a hermenêutica existencial de Bultmann, Fuchs e Ebeling, nos anos quarenta e cinquenta. A intenção dos trabalhos hermenêuticos de Schillebeeckx – recolhidos no quinto volume das *Pesquisas teológicas* sob o título *Inteligência da fé* (1972) – é oferecer um contributo para a introdução da hermenêutica na teologia sistemática católica.

A Teologia católica pós-conciliar, que começara a confrontar-se com a cultura secular, tinha-se dado conta de que as fontes da reflexão teológica são duas: a revelação e a tradição cristã, por um lado, e a experiência humana, por outro. E o trabalho hermenêutico a realizar consiste em operar uma correlação constante entre as duas fontes (ou os dois pólos): *fé cristã e experiência humana*. Mas a própria fé, enquanto adesão à revelação (fonte primeira da Teologia), tem uma estrutura experiencial; a fé é uma experiência, e uma experiência de experiências, quer dizer, ela é experiência cristã de experiências humanas (a experiência de si e do mundo que os cristãos têm como seres humanos). No começo, não há uma doutrina, mas «uma experiência bem precisa», que elaborou uma «história de experiências», que continua.

Nas origens do Novo Testamento, de facto, há um encontro de Jesus com os seus discípulos, os quais, neste encontro, perturbador e irresistível, fizeram uma experiência-de-salvação, que depois interpretaram e fixaram por escrito. A interpretação em si faz parte da experiência, pois que toda a experiência contém elementos interpretativos e uma percepção interpretativa. O Novo Testamento é, definitivamente, o relato de uma experiência-de-salvação interpretada: a experiência inscreve-se numa mensagem e a mensagem transmite-se, engendrando no ouvinte uma experiência-de-vida. A mensagem reenvia para uma experiência enquanto origem e a uma experiência activa enquanto resultado. A revelação divina não é, na sua origem, uma doutrina, mas a livre iniciativa de Deus que se

comunica manifestando-se nos factos, que determinam uma experiência-de-salvação, a qual é interpretada e fixada numa mensagem escrita. A mensagem contém uma doutrina, mas não é a doutrina que é o seu elemento primeiro, é a experiência. A doutrina é como uma reorganização, no plano da reflexão e do aprofundamento, deste conteúdo de experiências, que se situa nas origens e serve a transmissão e activação desta experiência-de-salvação. É por isso que nos inserimos na tradição cristã viva fazendo experiência: «Definitivamente, trata-se, de todo o modo, de uma história cristã de experiência que continua».

Mas para que a «história cristã de experiência» continue, a mensagem transmitida deve ser também compreensível pelo homem de hoje; não tem apenas de ser aceite na base de uma autoridade institucional que a veicula. Na sociedade secular, a experiência religiosa já não é uma *high experience*, uma experiência forte generalizada, mas apresenta-se como «uma experiência de experiências»; ela deve, por conseguinte, inserir-se no contexto das experiências humanas seculares para se tornar convicção e experiência pessoal. A mensagem da tradição deve ser proposta numa «catequese de experiência», enquanto interpretação possível das experiências humanas, enquanto «projecto de procura» para a procura de sentido do ser humano, e deve poder ser experimentada como «resposta de libertação» às interrogações vitais que o ser humano se coloca. A Teologia é chamada a manter aberta a comunicação entre os conteúdos tradicionais da fé e a experiência humana, numa constante correlação crítica entre as duas fontes: a tradição bíblica (primeira fonte) e o nosso mundo actual de experiência e de vida (segunda fonte).

O teólogo flamengo confrontou-se, concretamente, com esta tarefa num vasto «projecto cristológico» em três densos volumes: *Jesus, história de um vivente* (1974), em que a experiência cristã fundamental é analisada na corrente sinóptica; *Cristo, história de uma nova praxis* (1977), em que a experiência cristã fundamental é analisada nas outras correntes neotestamentárias, em particular em Paulo e João, e em que, numa conclusão sintética muito sugestiva, são isolados os elementos estruturais da tradição cristológica da Igreja, mas também os da experiência do homem secular; *O Homem, história de Deus* (1989), em que se mostra como o coração da mensagem cristã, a

salvação-em-Jesus-da-parte-de-Deus, pode ser de novo experimentado na história da humanidade.

Estes três volumes do teólogo de Nimega representam a obra cristológica mais vasta e criativa do nosso século. Ela é inovadora no aspecto metodológico: Schillebeeckx não segue o fio condutor da tradição da Igreja (como se faz, em geral, nos tratados cristológicos): aceita o desafio de negações radicais, praticando ele mesmo, radicalmente, o método histórico-crítico. Schillebeeckx entende implementar um saber histórico o mais intransigente possível, mas a sua investigação histórica é sustentada pela intenção teológica de reconstruir a génese da confissão cristológica da Igreja e de demonstrar a sua pertinência aos contemporâneos da cidade secular. O método é em si legítimo e não conduz a uma racionalização do facto cristológico; a discussão que se seguiu – mesmo ao nível oficial – não diz respeito senão a certas modalidades de execução daquilo a que se poderia chamar uma verdadeira «experimentação em Cristologia».

Schillebeeckx não pensa que a secularização invalide o discurso teológico, enquanto a auto-compreensão humana secular permanecer aberta ao mistério, como se pode deduzir da confiança radical na realidade, do compromisso com outrem, do desejo de realizar o bem e da luta contra o mal. A secularização torna, pelo contrário, a situar o discurso teológico e o dever hermenêutico: trata-se de ajudar a determinar uma situação que permite à auto-compreensão secular ultrapassar-se e abrir-se ao mistério da vida e da realidade, que encontrou a sua revelação decisiva e definitiva na figura do Cristo. As afirmações de fé e os enunciados teológicos não são dedutíveis da experiência, mas devem ter em conta a experiência, ou seja, devem ser capazes de iluminar a experiência, de falar à experiência do homem secular; de outro modo, não são defensáveis e chegar-se-ia a uma ruptura de comunicação.

Para lá chegar, a Teologia deve, constantemente, pôr em correlação a resposta da fé e a questão humana, que jorra da experiência. E obtém-se essa correlação se a questão humana se apresentar como uma procura de sentido em relação à realidade e à existência, que as respostas humanas que tentam articular um sentido seguem, mas que só recebem uma sobre-abundância de sentido, um sentido último e definitivo, a partir da resposta cristã. A resposta cristã é, então,

a resposta resolutiva à procura humana, que se articula em interrogação radical e em respostas parciais. À interrogação radical sobre a realidade, só a fé responde de maneira radical, mas a resposta cristã não cai perpendicularmente do alto, ela insere-se num contexto de experiências em que adquire sentido e dá uma sobre-abundância de sentido. E esta sobre-abundância de sentido deve dar as suas provas não apenas em teoria, deve também descer ao terreno da praxis. Neste sentido, fala-se de «Hermenêutica da experiência e da praxis».

A teologia de Schillebeeckx não procura a oposição à cultura secular nem o conflito com a mesma – esta é a atitude do pensamento religioso fundamentalista, católico ou não –, ela importa-se com participar na procura humana, presta atenção aos múltiplos projectos antropológicos que a cultura secular elabora, os quais, na sua dispersão, revelam a tematização de uma experiência universal de procura de sentido, que reenvia para um horizonte de plenitude de humanidade, que é o horizonte da fé.

Uma teologia, por isso, que tem um sentido muito vivo da integridade do *Humanum*, nas suas dimensões antropológica, social e cultural, teórica e prática, utópica e religiosa. Uma teologia que elabora uma soteriologia de cunho moderno, porque é guiada pela preocupação, negativa, com o *humanum* ameaçado (Bloch) e com a história do sofrimento e da morte da humanidade; e por aquela, positiva, com o desejável humano (Ricoeur) na plenitude e na integridade do *humanum*: estas duas preocupações são partilhadas, ao seu nível, pelos movimentos seculares de emancipação e libertação, mas encontram na salvação cristã a radicalidade e plenitude de interpretação e de sentido. Não se pode falar de salvação cristã sem tomar em consideração, ou censurando ou denegrindo a história da emancipação-libertação humana, para dar lugar à salvação religiosa. O que unifica a cultura e a época moderna e contemporânea é a procura, não de uma salvação exclusivamente religiosa, como foi o caso em tempos mais antigos, mas de uma humanidade sã, íntegra e digna de ser vivida. Todas as ciências, que outrora não existiam, trabalham nesta direcção. A redenção cristã não é identificável com a emancipação-libertação histórica, mas está-lhe «ligada por uma relação crítica de solidariedade». Retomando o título de um *best-seller* do começo

dos anos sessenta, *Honest to God*³ («Honestos para com Deus») – de que, à época, o teólogo de Nimega foi um dos recenseadores mais lúcidos – poder-se-ia caracterizar a instância que guia a reflexão – hermenêutica, cristológica e teológica – de Edward Schillebeeckx como a preocupação de sermos «honestos para com o mundo».

ROSINO GIBELLINI

³ Em inglês no original (N. da T.).